

## **O pintor de álamos**

Sérgio Mendes

Quando sinto o aroma do fim,  
deito-me no silêncio coberto pela terra,  
ofereço-te paisagens povoadas por árvores e aves marítimas  
como se fosse o guardador domesticado pelos álamos,  
habitado a ler e a colher jardins da madrugada.  
No dia seguinte, precipito animais e homens,  
abrindo-lhes os destinos farpados defronte.

Quando pouso na berma da estrada,  
como corvo tolerado pela cidade,  
alimento-me de rosas brancas de desassossego,  
alimento-me de chuva e restos do mercado,  
abrigo pelo cobertor que é o meu sudário  
manchado pelos poetas da casa dos fados.

Quando adormeço nos lençóis de cartão,  
bastardo no panteão dos contentores do lixo,  
deito-me no teu canto (o)fendido,  
deito-me dentro deste claro labirinto orlado pelo teu sorriso limpo  
cansado da moral e do bom senso.

Quando te cubro com migalhas da noite,  
tatuada de memórias e mortalidade,  
acredito nas mentiras trazidas pelas mãos dos teus sonhos,  
abro-te em botão com os dedos,  
lambo-te as veias pintadas de betadine e a cheirarem a sumo de limão,  
queimada com pontas de cigarros nas costas e manchada de negras nas coxas.

Amo homens e mulheres em segredo  
escondendo o espírito deles na minha cabeça:  
a mãe corroída pelo batom vermelho,  
a adolescente florida na estrebaria,  
a menina fugida com a morte à frente do medo.  
Esperam todas na gare da gigante vermelha  
o comboio para a próxima nascente.

Espero pelo meu capitão.  
espero-o sem medo da partida que me torna igual a todos,  
espero-o de pé,  
diante dos salgueiros,  
diante de um tanque de ferro,

com a filha da lavadeira a acenar-me com cravos na boca,  
varanda da liberdade.

Acompanhei tempestades, filosofias, tendências e ausências,  
fui crente monárquico e cientificamente republicano, quase céptico,  
mas nada fiz, nada faço.

Sentei-me na valeta do café a espelhar a sede dos carentes,  
aqueles que perderam o carrossel da vida.

Às vezes pergunto-lhe: por que me abandonaste?

Não responde.

É apenas uma imagem, uma ressaca iluminada  
e eu sou o que está dentro da sua gargantilha.

O sentido da vida?

Perder tudo para ser livre.